

# Mestre e amigo

Nílson Souza

Decorei o número do seu telefone privado, porque todos os domingos, lá pelo meio da tarde, os oito dígitos apareciam no visor do aparelho da minha mesa de trabalho. Antes mesmo de qualquer alô, eu dizia:

– Fala, doutor Scliar!

Então ele me cumprimentava com sua voz suave, lembrava algum texto da minha área para elogiar e só então apresentava o seu questionamento habitual:

– Tenho dois assuntos para a minha crônica de terça. Qual o que tu achas que é mais jornalístico?

E lia os dois artigos.

Eu ouvia com atenção e com indisfarçável orgulho. Afinal, mesmo que por audição, naquele momento podia me considerar o primeiro leitor de textos inéditos do autor de mais de 100 livros, entre os quais algumas obras-primas da literatura gaúcha e brasileira. Antes de dar a minha atrevida opinião, costumava brincar:

– Isso vai para o meu currículo: um imortal da Academia Brasileira de Letras me consulta sobre o que deve escrever.

Moacyr Scliar era, acima de suas inúmeras virtudes, um homem simples. Com toda a sua maestria na arte de contar histórias, ouvia – e respeitava – as observações de um especialista em generalidades, que é como costumam ser rotulados os jornalistas. Para agradar a um amigo, colocava-se em segundo plano, como fez no autógrafo que me dedicou na folha de rosto do seu *Cenas da vida minúscula*, qualificando-se como “copiloto” deste modesto editor.

Isso que meu brevê para viagens literárias só permite voos curtos, no máximo uma crônica de jornal.

Mas no dia de sua morte, em 27 de fevereiro de 2011, ousei fazer um *looping* no texto do editorial que *Zero Hora* publicou em sua homenagem. Redigi, comovido, este parágrafo que brinca com os títulos de algumas de suas obras:

Múltiplo e imortal, protagonista de cenas de uma vida verdadeiramente maiúscula, esse homem só que vale por um exército, que semeou a paz da literatura no Bom Fim, que escreveu suas próprias bíblias e muitos manuais desta paixão coletiva pela leitura, que provocou sonhos tropicais em incontáveis leitores, esse centauro de todos os jardins rio-grandenses mereceu os milhões de abraços de todos nós.

Não fui à sessão de autógrafos de seu último livro, *Eu vos abraço, milhões*, que conta a história de um jovem missioneiro que ingressa no Partido Comunista e troca o Rio Grande do Sul pelo Rio de Janeiro. Lá, no ano de 1929, o gauchinho vai perdendo a ilusão ideológica e acaba envolvido na construção da estátua do Cristo Redentor.

Scliar sequer reclamou de minha ausência. Em vez disso, levou-me o livro na redação do jornal e autografou-o na minha mesa de trabalho: “Para o grande Nílson, expoente do jornalismo e grande amigo”. Hoje, olhando para a dedicatória com os adjetivos repetidos, percebo sua generosidade no primeiro “grande” e o meu imenso orgulho no segundo.

Dedicatórias são verdadeiros desafios, especialmente para escritores prolíficos como Scliar, que lançava vários livros por ano. O grande (este, sim) Mario Quintana, com quem tive a felicidade de cruzar algumas vezes nos corredores da Caldas Júnior, contava que certa vez uma menina aproximou-se dele com um livro nas mãos e pediu-lhe “uma dedicação”. O poeta então perguntou o nome da garota e escreveu algo assim: “Para a Lili, com toda a minha dedicação”.

Li a novela de Scliar sobre as aventuras do jovem Valdo no Rio e tive a oportunidade de dizer-lhe, ainda durante a leitura, que estava demorando de propósito para o livro não acabar logo. Ele comentou que um escritor não poderia receber um elogio maior.

Mas terminei. E, hoje, relendo o final, sinto uma dor infinita pelo amigo que partiu. Ele escreveu, como se fosse uma mensagem de despedida: “Como é bonito o Brasil. Como é bom viver. Ai, meu neto. Como é bom viver”.

Ainda não estou totalmente convencido de que Scliar morreu. E esta minha dúvida não tem relação com sua passagem pelo Olimpo dos escritores brasileiros. Sempre que brincávamos com sua imortalidade literária, ele repetia o bordão de um de seus companheiros da Academia Brasileira de Letras:

– Imortal não é imorrível!

Mas ele parecia merecedor dos dois adjetivos.

Era, mesmo aos 74 anos, o que se pode chamar de um atleta perfeito, pois exercitava corpo, cérebro e alma. Praticava basquete na ACM, passava longe dos vícios, alimentava-se saudavelmente, caminhava sem pressa, tratava a todos com gentileza, não brigava com ninguém e mantinha os neurônios sempre ativos.

Nada lhe dava mais prazer do que escrever. Sempre que passava pela minha sala de trabalho, oferecia-se para ajudar nos editoriais, que são textos anônimos, representam a opinião do jornal e não exatamente a de quem os redige. Em mais de uma ocasião aceitei a oferta – menos pela necessidade do que pela oportunidade de brindar os leitores das páginas de opinião com o texto qualificado do consagrado escritor.

Em algum lugar do passado, estava escrito que ele seria reconhecido.

Nas suas crônicas dominicais no caderno Donna, Scliar costumava listar nomes que condicionam destinos – pessoas que foram registradas com nomes ou sobrenomes relacionados a suas futuras profissões. Assim, tínhamos, por exemplo, um médico chamado Fernando Cura ou uma cabeleireira chamada Leda Penteado. A lista é interminável, até mesmo porque os leitores de Scliar adoravam o jogo e costumavam contribuir com mais e mais nomes. Poucos sabiam, no entanto, que o próprio escritor foi batizado com num nome premonitório. Moacyr, que na língua tupi quer dizer algo como “filho da dor”, só podia mesmo se tornar médico. Mas também tinha tudo para ser escritor. Sua mãe era uma leitora apaixonada e buscou inspiração exatamente no nome do filho da índia Iracema, no célebre romance de José de Alencar.

– Nasci para ser leitor e também para ser escritor – admitia ao comentar seu nome de batismo.

Dois destinos, dois assuntos, imortal e imorrível. Tudo em Scliar era admiravelmente duplo.

Mestre e amigo.